

ASSIGNATURAS

Corte, anno..... 10\$000
Semestre..... 5\$500
Trimestre..... 3\$000
Mez..... 1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno. 12\$000
Semestre..... 7\$000
Trimestre..... 4\$000
Mez..... 1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO
Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, S. Junior, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Constantino do Amaral Tavares, Victor da Cunha, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, João Mendes, D. Alice Clapp, Mucio Teixeira, Dr. Mello Moraes Filho, Dr. Walduroff, M. J. F. Guimarães, Arthur Brasilio, M. F. Machado, F. A. Costa, etc.

Escriptorio e Redacção.—Rua de Gonçalves Dias 28

Anno I—1881

Ho, 19 de Janeiro

Vol. II N. 32



Por ti

Ardente inspiração da mocidade,
Que louco e desvairado fui te amando,
Oh! saibas que, co'a alma de saudade,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



A's vezes, no deserto da tristura,
Com glorias e grandezas fui sonhando,
Mas... depois, ao findar essa loucura
Muitas noites, por ti, passei chorando!



Lembrava-me—tristonho—do passado,
Desse tempo de infancia, bello, quando
No meio de esperanças embalado,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



Lembrava-me o horisonte, que surgia,
De puros devaneios, que adorando,
Entre os santos accordes de harmonia,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



A vida era um prazer hallucinante,
Que ia, pouco a pouco, definhando;
E, então, nesse momento tão brilhante,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



As vozes da esperança de um futuro,
Que em labios auri-roseos fui formando,
Revelavam trementes, que mui puro,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



E agora... mesmo, triste de saudade,
Dos teus sonhos gentis só me lembrando,
Vejo, crente, que amando a mocidade,
Muitas noites, por ti, passei chorando!



Ardente inspiração da mocidade,
Que louco e desvairado fui te amando,
Oh! saibas que, co'a alma de saudade,
Muitas noites, por ti, passei chorando!

ARTHUR BRAZILIO.



A VOZ DO MORTO

POR

J. MACHADO TAVARES

Saltão ouvira Joanna no mais profundo silencio, com os olhos vivos, cravados nos olhos amortecidos da negra, anhelante de curiosidade infantil.

Quando a surda terminou a historia elle deixou-se ficar na mesma quietação por um pequeno espaço.

— Acabou, disse Joanna.

— Acabou? Então que diabo de historia é essa, tão sem graça?! Olha, sabes que mais? As tuas historias valem tanto como o teu cachimbo.

E sacudiu-lhe o cachimbo da mão que rolou pelo declive do morro.

A negra soltou um rugido, como uma leão ferida e precipitou-se pelo morro em busca do precioso objecto; mas na precipitação da corrida, desprendeuse-lhe o alfinete do chaile, que lhe resvalou dos hombros cahindo por terra.

O negrito teve remorsos do mal que fizera estouvadamente á pobre velha e correu a erguer o chaile.

No momento de levantá-lo e sacudil-o do pó da picada, cahiu-lhe aos pés uma carta.

— Olá, disse elle. Uma carta! De quem diabo será ella?

E guardou-a no bolso.

Quando a surda voltou resmungando, Saltão entregou-lhe o chaile, poz-lh'o elle mesmo sobre os hombros.

— Ora vamos lá, minha velha. Não vale a pena queres-me mal por isto. Prometto, palavra de honra, comprar-te um cachimbo com o primeiro dinheiro que me cahir nas mãos. E agora vai para casa,

que Marocas está só e a noite por estes caminhos, dá vontade á gente de se ver no largo da Lapa.

Ambos se separaram.

Mas Saltão ia resmungando lá comsigo:

— Eu nunca tive lá muita devoção com esta santa. Tratemos de saber quanto antes se esta carta é de Jayme! Olho, yóyó, Saltão.

A negra seguira a encosta resmungando pela perda do seu cachimbo, amaldiçoando o moleque e a hora em que o encontrou no caminho.

A lua tinha-se escondido por detraz do Corcovado, e o dia apagara-se de todo na linha do horizonte.

Apezar da escuridão, o passo da negra era seguro, como de pessoa conhecedora do terreno que pisa.

Se a noite estivesse clara poder-se-hia distinguir a chacara dos Bambús erguida a pique sobre o plató do morro, onde a picada se abria em zig-zag, para melhor adoçar o declive.

Exactamente em um dos angulos do zig-zag, a negra esbarrou com um vulto que lhe tomava o caminho.

— Sou eu, Joanna.

— Sinhó commendador?!

— Sim. Trazes a carta?

— Está aqui, sim sinhó.

— Bem. Dá-m'a, para me inteirar do que ella diz e depois entrega-a fielmente a tua ama. Que nem de leve se suspeite o que se passa entre nós.

— Não tem duvida.

A negra procurou baldadamente a carta. Sabemos o destino que ella levára.

— Negra perdeu carta, sim sinhó, exclamou a surda, no auge do desespero.

— Negra, tu mentes! interrompeu o commendador sombrio.

— Não mente, não, sinhó. Sinhó branco póde revistar negra.

— Bruta, disse lhe o commendador com mau modo. Vejamos se para outra vez tratas melhor dos meus interesses. Amanhã...

— Aqui mesmo a esta hora, interrompeu a negra.

— Estamos entendidos.

E sem mais troca de palavras o commendador desceu a picada e a negra subio caminho da chacara de Maria.

VII

Meia hora depois da chegada da surda á chacara dos Bambús, Fatalidade, que ressonava com delicias, enroscado a um canto da sala de jantar, onde Maria bordava, ouvindo o ruido sonoro da chaleira, na cosinha proxima, onde Joanna, preparava com toda a indolencia propria da raça o matte queimado, Fatalidade, diziamos, acordou em sobresalto, ergueu-se d'um pulo nas quatro patas e largou como um raio pela chacara fóra.

— Estou em apostar que temos visita, monologou a interessante mulata. Fatalidade lá foi recebê-la. E' um dono de casa attencioso, este meu cão!... Bom, lá o ouço ladrar para o lado dos Bambús... Aquelles latidos são alegres... adivinham amigo. Do lado dos Bambús?!... Só se fôr Saltão... mas Saltão ainda não ha duas horas que sahiu. Demais elle não costuma trocar as noites policiadas do seu largo da Lapa por esta bella solidão que tão poucas garantias de segurança individual lhe offerece. Aquelle Saltão, concluiu ella sorrindo, sempre é um temivel valentão!

N'isto ouviu-se ao longe a voz alegre do moleque:

— Cala a bocca, cachorro. Este ladrão é fallador como uma tia velha. Parece que veste saias. Ninguem póde entrar na chacara, que elle não venha metter a sua colherada no meio... Acabá lá com essa correria, maluco. Olha que ainda agora me ias atirando de cangalhas, com um encontrão que me déste. Ora esta! Chó, cachorro!

E o cão cada vez latia mais, com uns latidos seccos, que pareciam risadas de alegria.

Maria tinha descido á chacara e ia já ao encontro do moleque.

— Ora viva lá a yayá fazendeira, exclamou Saltão ao ver a sombra da moça mover-se ainda a distancia, no meio da escuridão da noite, apenas allumiada pelo clarão tenuissimo das estrellas. Depois voltando-se para Fatalidade que redobrava os latidos com a presença de sua gentil dona:

— Cala-te ahi por uma vez, cachorro do diabo! Ora, senhor, nem me deixa ouvir o que digo!

(Continúa.)



Jámais!

Que se sinta sympathia
 Por uma moça formosa,
 Qu'embora mui presumçosa
 Saiba comtudo amar;
 E em attenção a ella
 Se esperdiçe alguns tostões
 Dos sapatos com os tacões
 Que se percam em passeiar;

Que se gaste paciência,
Tempo e até... dinheiro
Das missivas com o correio
Que ás vezes faz-se exigente...
Que se dispenda sopapos
Com as pessoas suspeitas,
Que se julga bem aceitas
E com ella algum... presente;

×

Que se apanhe algumas vezes
Uma constipação... sinha...
Porque ella na visinha
Demorou-se a tomar chá;
Que se vá por causa della
A insipidas funcções;
Que se gaste alguns tostões
Com cartas e flores... Vá!...

×

Sentir, porém, sympathia,
Por uma moça loureira
Que na janella—faceira
Passa o tempo a namorar;
E dos miseros sapatos
As solas que custam tanto
Com paciência de santo
Por causa della gastar;

×

Perder tempo e paciência,
Esvasiar a carteira
Co'a escrava interesseira,
Que se mostra obediente
Na entrega de uma carta
Ou transmissão d'um recado,
Quando é acompanhado
Da esportula competente;

×

Apanhar algumas vezes
Constipações, defluxeiras,
Enxaquecas e frieiras
Quasi sempre bem fataes;
Dispender graças, carinhos,
Perder saude e dinheiro
Com essas que o mundo inteiro
Chama — coquettes... Jámais !!

A. O.



O Trabalho

A historia do trabalho tem a sua origem no berço da humanidade.

A necessidade foi o estimulo que levou o homem a apropriar em seu favor a utilidade dos agentes naturaes, que encontrou e o rodeavam na natureza.

A alimentação, a morada, e o vestuario, foram as primeiras industrias.

Estas tres manifestações de sua actividade não nasceram, porém simultaneamente.

Já o homem tinha onde abrigar-se das intemperies, onde subtrahir-se ás feras e aos inimigos, quando tratou de garantir-se contra a nudez.

A primeira alimentação constou de fructos e de caça; só mais tarde os peixes lhe forneceram tambem sustento; mas o modo de acudir a todas estas satisfações naturaes já constitue uma iniciação industrial.

As primeiras moradas foram as cavernas, os antros habitados até então pelos animaes ferozes, ou ainda menos do que as cavernas, um simples toldo de palha ou de couro formando uma especie de alpendre, encostado a um rochedo.

O vestuario de nossos mais remotos progenitores foi preparado com a cortiça das arvores, as pennas dos passaros, ou as pelles ainda brutas, pois o aproveitamento das fibras vegetaes, implica já a industria dos tecidos, grande acontecimento realizado na historia progressiva da civilisação.

O genero humano permaneceu muitos seculos no vagaroso desenvolvimento destes ensaios rudimentares.

Quem lança um olhar retrospectivo a este começo infantil, e vê as surprehendedentes maravilhas do trabalho e da industria moderna, não póde duvidar da lei eterna e ascendente do progresso!

Não procuremos portanto fazer sobressahir o contraste entre essas épocas remotas e o resultado da actividade contemporanea em relação a seus progressos materiaes; mas comparemos apenas alguns processos de trabalho ainda usados ha poucos annos, e a sua rapida e admiravel producção, depois que as descobertas scientificas enghenham machinismos e adoptaram mais energicos motores aos productos aperfeçoados da industria e das artes, entre os povos e as nações civilisadas.

Todas as industrias antes de serem sociaes e collectivas, foram primeiramente domesticas.

Tiveram o seu ponto de partida no seio da familia. Os seus primeiros operarios foram obscuros e a maior parte delles desconhecidos.

A sociedade apoderou-se de sua iniciativa individual, e constituiu com ella, desenvolvendo-a e ampliando-a, um patrimonio commum

Sirva-nos de exemplo o algodão.

Quem foi o primeiro operario que trabalhou com esta fibra vegetal, destinada

a exercer tão grande influencia na civilisação?

O seu nome é ignorado.

Sabemos apenas, por Herodoto, que era conhecido este producto na India, onde se vestiam com o tecido de suas fibras, «mais bellas do que o pello dos carneiros».

No tempo das Crusadas foi transportado o algodão do Oriente para o Ocidente da Europa.

Os primeiros vestuarios que se fizeram com este tecido foram considerados como objectos preciosos e legados em testamento.

A importancia do algodão tornou-se desde então crescente.

As primeiras machinas de fiar que se estabeleceram em França, foram empregadas em Amiens, no anno de 1773.

Foi grande o movimento que esta invenção imprimiu á energia productiva da Europa.

Ha um seculo apenas, diz um escriptor notavel, os instrumentos empregados na fiação reduziam-se ao fuso e á roda, de que hoje só usam algumas populações do campo e os povos asiaticos.

A fabricaço de um kilogrammo de fio de algodão, que custava em França, ha pouco mais de trinta annos, 10 francos, obtinha-se dez annos depois por 2 francos e 25 cents. e hoje 1 franco.

E' tão prodigiosa a quantidade de tecidos de algodão fabricados em nossos dias, que as fabricas de Manchester e de Glasgow, produzem annualmente 40 mihões de panno, isto é, uma quantidade bastante para poder cingir com ella o globo terrestre.

Honra portanto ao trabalho que enriquece o operario e facilita o bem estar a todas as classes sociaes, com esplendor e lustre da civilisação.

A E. ZALUAR.

Minha lyra

A SINHA' D...

Minha lyra de per'la esmaltada
 Fez ouvir já de amores a voz,
 Mas jazia n'um canto olvidada
 Pelo açoute da satyra atroz.

+

Teve a lyra nas cordas mimosas
 Ternos cantos gentis, meigos threnos ;
 Suspirou pelas noites calmosas,
 Pelos dias de amores amenos.

+

O susurro das mattas, das aguas,
 Ceus e flor, brisa, estrellas e mar,
 Alegrias, venturas ou magoas
 Soube a lyra sonora exaltar.

+

Veio a noite depois, noite escura
 De tormenta mortal, de agonia,
 Quando a lyra acordou da amargura,
 Foi nos braços da rude ironia.

+

Foi bem longa essa noite maldicta,
 Que hoje, graças a ti, é passado ;
 Seja a luz de teus olhos bemdicta,
 Oh ! mil vezes, senhora, obrigado !

+

Já raiou nova aurora de amores,
 Para a lyra de amores saudosa ;
 Oh ! bemdictos os magos fulgores
 Desta aurora de luz radiosa !

+

Nova, a lyra que agora desperta
 De tal dita, bem sabe, és credora ;

E, da algema das magoas liberta
 Vem beijar tuas plantas, Senhora.

×

Minha lyra de per'la esmaltada,
 Eil-a ahi, que eu deponho a teus pés ;
 Pobre lyra no solo humilhada,
 Oh ! suspende-a do chão por quem és.

×

Ergue a ti, minha lyra de amores,
 Ou aos pés suas cordas estala ;
 Que ou por ti comporei mil louvores,
 Ou p'ra sempre, hei de, eu juro, olvidal-a.

S. JUNIOR.

**Mote**

O poder da sympathia
 E' mais forte que a rasão.

GLOSA

Dizem que a homoeopathia
 Cura, e deixa o homem são ;
 Mas só cura o coração
 O poder da sympathia ;
 A fatal antipathia
 Não move terna paixão ;
 Mas se n'uma occasião
 O feio vencer amores
 E' que Cupido em furores
 E' mais forte que a rasão.

DR. LUIZ CARDOSO.



MOSAICO

Como se fôrma um homem

Um fazendeiro abastado tirou do collegio seu filho unico, aos quinze annos de idade, o qual, se tinha entrado nas aulas, o ensino é que não entrava nelle.

Dois dias depois chamou o rapaz de parte, e disse-lhe:

— Queres ir para S. Paulo formar-te?

— Eu, meu pai? Gastar tantos annos no estudo, aturar lentes, e depois?

— Queres estudar medicina?

— Nem fallemos nisso. Quem é que póde supportar doentes ou parentes de doentes, e o publico ainda por cima?

— Então queres ser padre?

— Padre, eu? Ora, meu pai diz isto para rir-se?

— Queres ser negociante?

— Negociante... ora esta!...

— Já vejo que queres ser lavrador, como teu pai, não pensas mal.

— Cada vez peor. E' para o que de todo não tenho quéda. Meu pai, ainda estou muito novo, deixe-me primeiro caçar á minha vontade, dar meus passeios ao Rio, depois veremos.

— A sua inclinação é para vadio, é o que eu percebo. Amanhã pegará n'uma enchada, e irá para o eito.

— Enchada!...

— Enchada, sim senhor; por ahi começou o teu pai.

O rapaz de então, é hoje importante fazendeiro, bom pai de familia e muito estimado. E diz muitas vezes:

— Se tenho algum prestimo devo-o inteiramente a meu pai que fez de um vadio um homem trabalhador, util aos seus e á sociedade

Expressão das flores



<i>Flores</i>	<i>Significações.</i>
Macieira	<i>amor.</i>
Macella	<i>amargura.</i>
Madre-silva	<i>laços de amor, estreitos vinculos.</i>
Malmequer	<i>risco, pena.</i>
» branco	<i>pensar nisto.</i>
» dobrado	<i>reciprocidade.</i>
» pequeno	<i>idade feliz.</i>
» com cypreste	<i>desesperação.</i>
Malva	<i>docilidade</i>
Malvaisco	<i>beneficencia.</i>
Mandragora	<i>raridade.</i>
Mangerição	<i>odio, enredo, miseria, pobreza.</i>
Margarita, resina	<i>variedade.</i>
Martyrio	<i>crença.</i>
Mastruço, indico	<i>estupidez.</i>
Matricaria	<i>temor.</i>
Meleza, lyrio	<i>audacia.</i>
Meimendro	<i>defeito.</i>
Meiantho, trevo	<i>tranquillidade.</i>
Mercurial	<i>amor de bem.</i>
Mesereão, laureola	<i>desejo de agradar.</i>
Milepertuis, herva de S. João	<i>esquecimento.</i>
Mirra	<i>mortificação.</i>
Molarinha	<i>fel.</i>
Momordica picante, cardo	<i>critica, misantropia.</i>
Morangão	<i>bondade perfeita.</i>
» marinho	<i>infidelidade.</i>
Morrião, hervas dos passarinhos	<i>conferencia.</i>
Mostarda	<i>fé.</i>
Mostardeira	<i>fecundidade.</i>
» silvestre	<i>segurança.</i>
Murta	<i>amor.</i>
» coberta de folhas	<i>amor occulto.</i>
Murtinho	<i>traição.</i>
Musgo	<i>amor materno.</i>
Myosote	<i>lembrai-vos de mim.</i>
Myrtilo	<i>engano.</i>

(Continúa.)



PRETEXTO PARA NÃO PAGAR

Pedi-me p'ra comprar-lhe certas fitas
A loureira e gentil — Rosa Miranda.
Trazendo-as, não achou que eram bonitas!
— Quem quer vai, quem não quer manda.

RECEITA UTIL CONTRA AS FORMIGAS DOS
APPARADORES

Acontece muitas vezes nos logares um pouco humidos, penetrarem as formigas nas casas. Ellas invadem de preferencia a sala de jantar e uma vez instaladas em algum apparador ou guarda-comida mui difficil é então expulsal-as de lá.

Eis um meio muito simples de pôr em fuga um exercito de formigas, por mais numeroso que elle seja; colloque-se no movel ou no sitio por ellas invadido, um prato cheio de borra de café e as formigas levantarão o cerco immediatamente.



Morreu um typo muito original, que jantava todos os dias em casa dos outros.

Uma vizinha, linguinha de prata, vendo passar o feretro exclamou :

— Até que afinal ! E' a primeira vez que aquelle sujeito sahe de casa sem ir filar o jantar a alguém !



N'uma cidade de provincia é chamado a juizo um director de companhia dramatica ambulante.

Pergunta-lhe o juiz :

— Qual a sua profissão ?

— Empreziario de companhia dramatica.

— E quaes os seus meios de vida ?

LOGOGRIPO

Procurai no corpo humano, — 1, 2, 7, 2

Esta mulher criminosa — 3, 5

Que nem de leve enrubece, — 1, 8, 7, 8

Ante a vista da parenta !... — 4, 8, 3, 2

Como corre caudaloso ! — 7, 6, 8

Coberto de raiva ingente !... — 6, 3, 2

Queres saber o conceito ?

Pois olha não faço mal,

Posso ser tambem um homem

Como eu sou um animal.



CHARADA

A decifração da charada do ultimo numero é : Clavellina.

'Stá perdida de amores a mocinha,
Alegre quem tão triste sempre fôra;
Quando estranham-lhe os mais essa mudança,
Sabeis o que ella faz, minha leitora ? — 1

E depois de passar assim o dia,
Tendo a imagem feliz no pensamento,
Quando busca o repouso no seu leito
Pensa nelle inda assim, todo o momento — 2

Ai ! Que vida feliz a da mocinha
Que até então mui triste sempre fôra ;
Já não se a vê chorar ás escondidas
Que vive assim feliz, minha leitora !